

There is no Wealth but Life": O Espaço da Utopia na Vida e Obra de John Ruskin

Dulce Melão

(Assistente de Investigação do Instituto de Literatura Comparada da Faculdade de Letras do Porto)

Citação: Dulce Melão, "There is no Wealth but Life": O Espaço da Utopia na Vida e Obra de John Ruskin", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 3 (2005). ISSN 1645-958X.

<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/e-topia/revista.htm>

Pensar é gerar utopias. Incondicionalmente. (Carvalho 2004: 17)

Infeliz e desesperado, quem não for capaz de se dirigir a um leitor futuro. (Eco 2002: 343)

Introdução

A obra de John Ruskin, ao mesmo tempo um dos escritores mais prolíficos e mais polémicos do século XIX, tem sido recentemente avaliada pela academia no que concerne a sua modernidade. Assim, a comemoração do centenário da morte de Ruskin promoveu um debate aceso sobre a sua obra, do qual resultaram, numa primeira instância, colectâneas de carácter interdisciplinar que reavaliam, de forma muito positiva, o contributo do autor vitoriano no seu tempo e no nosso (Cerutti 2000; Cianci & Nicholls, 2001).

O aparecimento de duas novas biografias sobre o autor vitoriano permitiu, por seu turno, que fosse lançada luz sobre aspectos menos conhecidos da sua vida, mormente a relação conturbada que manteve com Rose La Touche, convidando o leitor a lançar um olhar renovado sobre a tão complexa quanto cativante obra de Ruskin (Batchelor 2001; Hilton 2000b). A leitura destas duas biografias pode também ser hoje complementada, de forma proveitosa, com a edição das obras completas de Ruskin em CD-ROM que permite uma pesquisa mais ou menos aprofundada do ideário ruskiniano, de acordo com as ambições de cada leitor.

A pesquisa longa e meticulosa de Ruskin sobre a arquitectura Italiana, bem como a importância que Veneza assumiu na sua vida, foram também postas em relevo por Quill (2000), Pemble (1995) e Hewison (2000). Tal possibilitou destacar a dimensão contemporânea de alguns dos pontos de vista defendidos por Ruskin no que diz respeito à arte, em geral, e à arquitectura, em particular. O levantamento de novos dados sobre o relevo da pesquisa pacientemente levada a cabo por Ruskin em Itália, actualmente em curso na Ruskin Library da Universidade de Lancaster (Inglaterra), poderá igualmente permitir, a breve trecho, o aprofundamento de algumas facetas de Ruskin pouco investigadas, consolidando o seu carácter eclético.

O pensamento social e político de John Ruskin foi igualmente alvo de crítica atenta por parte de alguns investigadores que não se furtaram a estabelecer relações profícuas entre o passado e o presente, demonstrando a influência exercida por algumas das teses defendidas pelo *sage* Vitoriano na sociedade hodierna e sublinhando a sua modernidade (Ramos 1999; Goldman 1999). Creio que estes estudos lançaram definitivamente por terra o argumento de que dificilmente as teses socio-políticas defendidas por Ruskin poderiam estabelecer um diálogo frutífero com a actualidade.

Apesar da multiplicidade de estudos levados a cabo sobre a obra do escritor vitoriano,^[1] muito há ainda a fazer para que esta se revele na sua plenitude ao leitor do século XXI. Uma das áreas que me parece merecer atenção redobrada é justamente a temática do espaço da utopia na vida e obra de John Ruskin, título ambicioso^[2] desta breve reflexão. De facto, se um estudo recente aponta para o lugar ocupado pela utopia no âmbito das teses relativas ao planeamento urbano defendidas pelo profeta vitoriano, aproximando-as da modernidade (Lang 1999), pouco se reflectiu ainda sobre o enquadramento da utopia^[3] na vida e obra de John Ruskin.

Face ao contexto acima enunciado, o objectivo desta reflexão é atentar no espaço ocupado pela utopia no espaço imenso do complexo ideário Ruskiniano, incidindo, em particular, no *Guild of St George*, um dos seus projectos mais ambiciosos. Procurarei, assim, lançar luz sobre o relevo que tal "experiência social" assumiu na vida e obra de John Ruskin, tentando (de)monstrar de que modo pode ser encarada como espaço de utopia que possibilita compreender melhor os ambiciosos objectivos que o autor vitoriano traçou para si e para a sociedade do seu tempo.

1. O *Guild of St George* – uma utopia projectada ao longo da vida

Como alternativa a uma Inglaterra dominada pela industrialização, Ruskin propôs, como frisa Batchelor, que os trabalhadores ingleses constituíssem uma comunidade agrária neo-medieval, sem lugar para a máquina, onde ele próprio desempenhasse o papel de "Master" (Batchelor 2001: 251).^[4] Os contornos complexos deste projecto arrojado^[5] foram, não por acaso, dados a conhecer pelo autor vitoriano através de um discurso marcadamente autobiográfico, mas também, como reconhece Batchelor, "often biting satirical, sometimes wildly angry" (*ibidem*). De facto, a proposta de Ruskin surge sintomaticamente incluída em *Fors Clavigera*,^[6] conjunto de 96 cartas dirigidas aos "Workmen and Labourers of Great Britain", publicadas entre 1871 e 1884, cujo objectivo principal era

desafiar os seus contemporâneos a enveredar por outros trilhos que não os da economia capitalista. De resto, não é demais lembrar, como sublinha Ramos, que

[n]este período de tempo, a vida e a obra do *sage* revelavam uma constante procura do equilíbrio. Em termos vivenciais, John Ruskin procurava conciliar a exposição pública em Oxford e a interação humana exigida como professor com a solidão em Brantwood e a contemplação da paisagem rural. Em termos criativos, as palestras académicas dirigiam-se à classe dominante, ao passo que as cartas visavam as classes trabalhadoras. No entanto, o objectivo era o mesmo no tocante aos dois públicos-alvo, a saber, o respeito pela vida e pela Natureza, a rejeição da sociedade capitalista e desumana, e o retorno aos valores pré-industriais. (Ramos 2005: 259)

Escolhendo para o projecto acima mencionado o nome de *Guild of St George*, dada, sobretudo, a admiração que sentia pelo quadro *St George and the Dragon*, de Vittore Carpaccio, Ruskin procurou, desde logo, como vinca Batchelor, tomar *St George* como metáfora do homem ideal, modelo de coragem e espelho de cavalaria (Batchelor 2001: 251). O pormenor a que aludo não é de somenos importância já que, em distintos momentos da sua vida, Ruskin manifestou a sua admiração pela cavalaria[7] enquanto modelo estratégico do qual se serviu para questionar a realidade, incitando os seus contemporâneos à mudança. Ora é justamente no âmbito de tal questionação que se insere, talvez, a proposta do *Guild of St George*.

No seu estudo sobre a dimensão assumida pelo medievalismo na obra de Ruskin, Ivana Mladenovic associa, por seu turno, a escolha do nome *St George* para o *Guild* a uma intenção clara por parte de Ruskin não só de questionação mas também de intervenção na realidade que lhe era contemporânea, pois, do seu ponto de vista, este deu-se conta de que *Saint George*, "had retained the patronage and loyalty of his people specifically because his reputation for challenging bravery and courage in the face of overwhelming obstacles had transcended that of a distant divine figurehead" (Mladenovic 2004: 93). À semelhança de *Saint George*, Ruskin procurou instituir-se enquanto defensor dos fracos e oprimidos, esperando obter por parte da sociedade a mesma recepção entusiástica dada ao santo.

Creio que hipótese avançada por Mladenovic se reveste de particular plausibilidade, já que, apesar de na altura em que decidiu pôr em prática o projecto do *Guild*, Ruskin tivesse estabelecido a sua reputação de "profeta", continuava a ser-lhe deveras grata a ideia de poder ser encarado, qual cavaleiro, como lutador em prol de causas justas, repondo a ordem sobre a desordem instalada. Compreende-se, pois, que Ruskin tenha gizado um plano ambicioso para o *Guild*, sintomaticamente associado pelo próprio à *Utopia* de Thomas More, quando definiu, com pormenor, os propósitos que o deveriam nortear:

My settlers, you observe, are to be young people, bred on old estates; my commandants will be veteran soldiers; and it will be soon perceived that pride based on servitude to the will of another is far loftier and happier than pride based on servitude to humour of one's own (...) No machines moved by artificial power are to be used on the estates of the society; wind, water, and animal force are to be the only motive powers employed, and there is to be as little trade or importation as possible; the utmost simplicity of life, and restriction of possession, being combined with the highest attainable refinement of temper and thought (...) The laws required to be obeyed by the families living on the land will be – with some relaxation and modification, so as to fit them for English people – those of Florence in the fourteenth century. In what additional rules may be adopted I shall follow, for the most part, Bacon, or Sir Thomas More. (*Works*, 28: 20-23)[8]

Ruskin apresentou, pois, uma proposta inovadora aos seus contemporâneos, baseada numa vida pautada pela simplicidade e isenta dos vícios que o profeta vitoriano sempre apontou às cidades industrializadas do seu tempo, nas quais, do seu ponto de vista, a felicidade do Homem sucumbe por entre a poluição das fábricas e o ruído da máquina.[9]

Recorde-se que, já décadas antes, no conhecido e muito citado capítulo "The Nature of Gothic", incluído em *The Stones of Venice* (1851-1853), Ruskin tinha chamado a atenção dos seus contemporâneos para as consequências nefastas decorrentes do desempenho de tarefas levadas a cabo de forma mecânica por parte dos trabalhadores, as quais, em seu entender, contribuíam para a infelicidade dos mesmos e, em última análise, para a decadência da nação.[10] Matteson sublinha essa ideia no ensaio em que reflecte sobre ética e estética da/na arquitectura, estudo cujas fundações assentam nas teorias defendidas por Ruskin. Matteson refere com propriedade que o *sage* "required above all that the process of building should, in all ways possible, enlist the emotion, the imagination and the intellect of the labourer" (Matteson 2002: 295).

“The Nature of Gothic” é, pois, no entender de Matteson, o ensaio que marca uma espécie de transição entre Ruskin, crítico de arte, e Ruskin, crítico da sociedade, embora, de facto, tais perspectivas não possam ser encaradas separadamente. Como frisa Matteson, a partir do ensaio citado assistimos a uma re-invenção de Ruskin enquanto crítico da sociedade que denuncia os excessos do materialismo e as suas consequências directas sobre a cultura que produz (*idem*, 301). Passa, pois, a acentuar-se, em posteriores ensaios de Ruskin, a sua crença na relação intrínseca entre a corrupção social e os valores espelhados pela arte que tal sociedade cria. Em última instância, uma sociedade sem valores morais não pode, no entender de Ruskin, produzir nada belo, fazendo apenas eco da degradação que a caracteriza.

Através do *Guild of St George*, Ruskin procurou, pois, criar uma utopia situada nos antípodas do materialismo vigente, ensinando a sociedade que o rodeava a lançar um olhar renovado sobre a realidade e a abandonar o que Cunningham designa de “Money-greed of Victorian capitalism” (Cunningham 2000). Ao discurso inflamado com que foi intervindo ao longo da sua vida, Ruskin aliou, de resto, a acção,^[11] já que deu o exemplo pondo em prática as ideias que ardentemente defendia.^[12] Como vinca Cunningham, “He always put his money where his mouth was – supporting craftspeople and poets, repairs to cottages, clean water pipes. All of Ruskin’s inherited capital went to propping up his utopian dreams” (*ibidem*).

Compreende-se, assim, a escolha criteriosa que presidiu à admissão dos voluntários no *Guild of St George*, designados de “Companions of St George”, escolha que foi explicitada com clareza por Ruskin na carta 63 de *Fors Clavigera*:

It is only the Rich and the Strong, whom I receive for Companions – those who come not to be ministered unto, but to minister. Rich, yet some of them in other kind of riches than the world’s; strong, yet some in other than the world’s strength. But this much at least of literal wealth and strength they *must* have – the power, and formed habit, of self-support. I accept no Companion by whom I am not convinced that the Society will be aided rather than burdened; and although I value intelligence, resolution, and personal strength, more than any other riches, I hope to find, in a little while, that there are people in the world who can hold money without being blinded, by their possession of it, to justice or duty. (*Works*, 28: 538)

Ruskin deixou aqui, a descoberto, a sua vontade de consolidar um projecto que tivesse como fundamentos alguns dos valores que sempre procurou inculcar, ao longo da sua vida, nos que o rodeavam, fossem eles alunos, amigos, ou desconhecidos: a tenacidade, a fortaleza de espírito e o altruísmo, essenciais a quem tenha como objectivo contribuir para o bem-estar social dos que lhe são contemporâneos – uma utopia perseguida desde sempre pelo profeta vitoriano na sua obra e projectada na sua vida.

A importância assumida pelo *Guild of St George* ao longo da vida de John Ruskin é de resto sublinhada múltiplas vezes na monumental biografia que Hilton consagra ao autor vitoriano (Hilton 2000a, 2000b). Merece particular relevo o facto do biógrafo considerar que reflectir sobre o *Guild of St George* é, ao mesmo tempo, estudar a biografia de Ruskin (Hilton 2000b: 306),^[13] chamando a atenção para um pormenor que cumpre não esquecer: “The Guild exists in Ruskin’s mind from the time of his letters to Susan Scott in 1869 to his final collapse in 1889. Thus, it was an important part of his life for twenty years” (*idem*, 309). Hilton traça, por seu turno, a geografia do projecto que Ruskin procuraria levar a bom porto, colocando os seus primórdios numa das visitas aos Alpes do escritor vitoriano. Em tal circunstância, Ruskin teria ficado particularmente impressionado com “the pastoral green, pure aiguilles, and fleecy rain-clouds of Chamouni”, tendo tal merecido registo no seu diário (Hilton 2000a: 136).

Décadas mais tarde, na sua autobiografia, *Praeterita*, Ruskin iria destacar “the agricultural condition of the great Alpine chain which was the origin of the design of St George’s Guild” (*Works*, 35: 437). Esta sua confissão, (compreensível tendo em conta o facto de pugnar pela aproximação do Homem à natureza), parece-me estar em concordância com o objectivo traçado por Ruskin para *Fors Clavigera*:

I have not hitherto stated, except in general terms, the design to which these letters point (...) – the highest possible education, namely, of *English men and women living by agriculture in their native land*. Indeed, during these three past years I have not hoped to do more than make my readers feel what they have to conquer. It is time now to say more clearly what I want them to do. (*Works*, 28: 15-19; itálico meu)

Esta referência à agricultura que surge muitas vezes disseminada na obra de Ruskin permite, talvez, estabelecer uma relação profícua com um dos princípios explicitados na utopia moriana. Recorde-se que, no Livro Segundo da conhecida obra, é explicitado que

Existe uma arte comum a todos os utopianos, quer homens quer mulheres, e que ninguém pode eximir-se: é a agricultura. Aprendem-na as crianças em teoria nas escolas, praticando-a nos

campos vizinhos da cidade, onde as levam em passeios recreativos. Vêm ali trabalhar os outros e elas próprias trabalham, exercitando desde cedo as suas forças físicas. (More 2003: 78)

De facto, a afirmação acima transcrita aproxima-se muito do ideário defendido por Ruskin não só no diz respeito ao *Guild of St George* mas também a Brantwood, local que funcionou como um laboratório^[14] onde pôs em prática algumas das teorias que defendeu perante a sociedade do seu tempo. Mas o que me interessa de momento acentuar é o facto de a agricultura ser um dos pontos principais focados no *Guild of St George*. Collingwood, um dos estudiosos que acompanhou de perto o labor de Ruskin, considera, aliás, que um dos objectivos traçados para tal projecto era comprar terra de modo a que esta pudesse servir os objectivos definidos pelo autor vitoriano, isto é, que os membros do *Guild* a cultivassem, pagando uma renda à comunidade,

not refusing machinery, but preferring manual labour (...) for the people employed and their families, there would be places of recreation and instruction, supplied by the Guild, and intended to give the agricultural labourer or mill-hand, trained from infancy in Guild schools, some insight into Literature, Science and Art – and tastes which his easy position would leave him free to cultivate. (Collingwood 1900: 243)

Ao aliar o cultivo da terra às sementes de cultura a lançar no espírito, Ruskin parece, pois, estar de acordo com a ideia que o Homem deve “cultivar livremente o espírito e desenvolver as suas faculdades intelectuais pelo estudo das ciências e das artes” (More 2003: 84). Acredita, assim, à semelhança de More, que em tal “desenvolvimento completo consiste para eles [os cidadãos] a verdadeira felicidade” (*ibidem*).

Face ao exposto, importa, desde logo, reconhecer que se, à semelhança de muitos outros projectos levados a cabo por Ruskin, também a criação do *Guild of St George* não esteve isenta de polémica,^[15] o seu esforço em criar uma comunidade no seio da qual fossem desenvolvidas estratégias que promovessem o progresso social da nação deve ser reconhecido. A vinda a lume deste núcleo quase perfeito de paz e harmonia social não tem, talvez, sido objecto de atenção devida pela crítica. Como frisa Wilmer,

This Utopian body [the Guild of St George] has been much misunderstood. Quixotic it undoubtedly was, impractical and absurdly idiosyncratic (...) But the effect of the fantasy was to put modern condition of labour in perspective, to provide an image of what work might be. In much the same way, the Guild should be understood as a living form of social criticism: one which reflected Ruskin’s mental instability, no doubt, but also the madness of an unjust society. (Wilmer 1985: 33)

Assim, ao questionar a realidade do seu tempo através da utopia projectada pelo *Guild of St George*, sugerindo a implantação de novas vias que facilitassem a felicidade do Homem, contrariando o sistema político-económico vigente, Ruskin tornou-se agente activo de mudança ainda que tivesse sido assolado, na sua vida privada, pelos fantasmas de uma loucura que se viria a tornar real no final da sua vida. Deste modo, como realça Ramos, "o ensejo reformista de John Ruskin não se baseava numa mera recusa do modelo vigente. Ao invés, apresentava uma solução, baseada na partilha do trabalho e na auto-responsabilização", tal como é característico das formulações utópicas consistentes (Ramos 1999: 592).

2. A influência de Walter Scott na criação do *Guild of St George*

Para que se possa compreender melhor a esfera utópica em que se enquadra o *Guild of St George*, talvez seja igualmente útil socorreremo-nos de um testemunho que não é comum ter em conta no que diz respeito a tal projecto Ruskiniano. Refiro-me concretamente à *marginalia*^[16] que John Ruskin nos legou em *The Life of Walter Scott* (edição de 1869), biografia escrita por J. Lockhart, genro de Scott, tendo este último já falecido.

De facto, se a *marginalia* de John Ruskin se institui, por si só, enquanto poderoso manancial a explorar, na medida em que nos dá a conhecer múltiplas facetas menos conhecidas do profeta vitoriano, a verdade é que também fornece pistas de relevo no que concerne ao *Guild of St George*. Assim, as anotações de Ruskin na biografia de Scott, mostram mais do que uma leitura atenta da vida do romancista; são, na verdade, um testemunho de que a ideia da criação do *Guild of St George* poderá ter sido suscitada por um projecto que Scott tentou pôr em prática a que deu o nome de “Abbotstown”. Os contornos de tal projecto começam por ser explicitados por Scott na carta que envia a Robert Southey, datada de 9 de Maio de 1817:

I am glad to see you are turning your mind to the state of the poor. Should you enter into details on the subject on the best mode of assisting them, I will be happy to tell you the few observations I have made (...) for I have kept about thirty of the labourers in my neighbourhood in constant employment this winter. This I do not call charity, because they executed some extensive plantations and other works, which I could never have got done so cheaply, and which I always

intended one day to do. But neither was it altogether selfish in my part, because I was putting myself to inconvenience in incurring the expense of several years at once and certainly would have not so, but to serve my honest neighbours. (Lockhart 1869: 224)

Ora, para além de ter colocado um traço vertical, a caneta, do lado esquerdo da página, englobando toda a passagem mencionada e três linhas verticais a lápis desde “for I have kept” até “neighbours” (indicação clara de que esta passagem foi lida mais do que uma vez), Ruskin comentou na margem superior esquerda da mesma “St George – Invaluable”. Esta anotação de Ruskin – que não estranha pelo carácter sumário, uma característica sua quando liberta as suas reflexões nas margens do livro que lê – merece, desde logo, reparo, dado que parece apontar para a excepcional importância que atribui às afirmações de Scott. De facto, Ruskin sempre teve aguda consciência da necessidade de ajudar a contrariar estados de pobreza que fomentavam, em seu entender, a degradação da nação.^[17] O facto de Scott, seu “herói” desde criança, ter manifestado vontade de colmatar situações de pobreza, pondo em prática estratégias que deram resultado na sua propriedade, foi, talvez, um estímulo para Ruskin dar início/continuidade aos planos ambiciosos que traçara para o *Guild*.

Importa sublinhar que a preocupação de Ruskin no que concerne ao remediar da pobreza que grassava na sociedade ficou particularmente patente na visita que fez, no início de Agosto de 1876, a Barmouth (Wales), aos habitantes da primeira propriedade adquirida pelo *Guild*. De facto, quando constatou o estado de pobreza em que viviam os inquilinos de algumas casas, Ruskin tomou, de imediato, medidas para que todas as despesas corressem a seu cargo, tendo ficado chocado ao verificar que os princípios pelos quais se deveria ter pautado tal projecto não tinham sido cumpridos e desiludido pelo relativo fracasso do programa a que se tinha proposto.^[18]

Se é certo que não é possível datar esta primeira anotação que comentámos,^[19] o que permitiria retirar ilações mais rigorosas relativamente à sua conexão com o *Guild of St George*, não é de estranhar que Ruskin se tenha inspirado em Scott para levar a cabo o seu projecto utópico. Assim, tal possibilidade é corroborada por uma outra anotação de Ruskin no mesmo volume da biografia de Scott. Trata-se, desta feita, de uma carta dirigida a William Laidlaw, datada de Janeiro de 1818, na qual Scott avança já com um nome para o projecto anteriormente delineado – “Abbotstown”:

I told you I should like to convert the present stading at Beechland into a little hamlet of labourers, which we will name Abboststown. The art of making people happy is to leave them much to their own guidance, but some little regulation is necessary. I should like to have active and decent people there; then it is to be considered on what footing they should be. I conceive the best possible is, that they should pay for their cottages, and cow-grass, and potato ground, and be paid for their labour at the ordinary rate. (Lockhart, 1869: 289; o sublinhado incompleto é de Ruskin)

Não foi certamente por acaso que Ruskin sublinhou, a lápis, a expressão “making people happy”. Assim, este pequeno mas importantíssimo detalhe chama a atenção para um dos grandes objectivos a que Ruskin se propôs no *Guild of St George*, isto é, contribuir para a felicidade dos cidadãos, promovendo condições de trabalho que enobressem os seus ofícios e fortalecessem, assim, o tecido social. Se a citação acima transcrita, toda ela acompanhada de duas linhas de sublinhado lateral, uma a lápis, outra a caneta, não pode comparar-se aos ambiciosos objectivos do *Guild of St George*, o facto é que faz eco do pensamento de Ruskin no que diz respeito à relação entre o trabalhador e o proprietário das terras, na medida em que esta implica direitos e obrigações de ambas as partes, mas tem como objectivo último a felicidade do Homem.

Recorde-se, a propósito, que, em *Fors Clavigera*, Ruskin lançou um sentido e veemente apelo aos seus contemporâneos para que fosse criado um fundo – o “St George’s Fund” – cujos objectivos parecem estar de acordo com o juízo de opinião manifestado por Scott na carta acima mencionada:

Are there any landlords, – any masters, – who would like better to be served by men than by iron devils? Any tenants, any workmen, who can be true to their leaders and to each other? Who can vow to work and to live faithfully, for the sake of the joy of their homes? Will any such give the tenth of what they have, and of what they earn, – not to emigrate with, but to stay in England with; and to do what is in their hands and hearts to make her a happy England?

I am not rich (as people now estimate riches), and great part of what I have is already engaged in maintaining art-workmen, or for other objects more or less of public utility. The tenth of whatever is left to me (...) I will make over to you in perpetuity (...) Who else will help, with little or much? The object of such fund being, to begin, and gradually – no matter how slowly – to increase, the buying and securing of land in England, which shall not be built upon, but cultivated by Englishmen, with their own hands, and such help or force as they can find in wind and wave. (*Works*, 27: 95)

Por seu turno, já no ensaio “Ad Valorem”, parte integrante de *Unto This Last* (1862), Ruskin tinha afirmado com a sua usual veemência: “That country is the richest which nourishes the greatest number of noble and happy human

beings”. Através do *Guild of St George* Ruskin procurou, pois, de forma inovadora, provar aos seus contemporâneos que era possível investir em outro tipo de riqueza que não a associada à acumulação de bens materiais.

A hipótese de Ruskin ter tomado em consideração estes esboços do projecto de Scott que não chegaria a ver a luz do dia reveste-se de plausibilidade na medida em que Ruskin sempre viu em Scott um modelo a seguir inspirando-se, até, na vida deste último, para (re)inventar a sua própria vida, mormente quando estava em causa o redimensionar de memórias agras de uma infância pautada por uma educação exigente e severa. Assim, sendo Scott uma referência incontornável na vida e obra de John Ruskin, tal como alguns investigadores têm vindo a sublinhar,^[20] só o cruzar dos dados apontados com outras fontes do espólio ruskiniano ainda por desbravar poderá vir a revelar o papel desempenhado pelo romancista escocês na projecção, e posterior realização, da inovadora “experiência social” do escritor Vitoriano.

Conclusão

Definido por Beechey, como “a crusader for educational and social reform” (Beechey 2000: 1653), Ruskin procurou, através da criação do *Guild of St George*, oferecer aos seus contemporâneos um contributo sólido para o progresso do seu país, abrindo novos horizontes a uma geração que, do seu ponto de vista, precisava de ser regenerada. Tal como sucedeu em outros domínios abraçados por Ruskin ao longo da sua carreira, o *Guild* tornou-se, ao mesmo tempo, uma cruzada social e pessoal, pois, como sublinham os seus biógrafos, Ruskin é um dos escritores que não pode ser equacionado senão em confronto com as escolhas pessoais que fez, mosaicos que encaixam perfeitamente na tessitura da sua obra.

Se é certo, como têm reconhecido os estudiosos do ideário ruskiniano, que o *Guild* não obteve o sucesso almejado pelo seu criador,^[21] a verdade é que alguns dos ideais pelos quais pugnou ao levar a cabo tal projecto estão bem representados na *Guild of St George Collection*, patente na *Ruskin Gallery*, em Sheffield, vista ainda hoje como “a unique snapshot of the 19th century that remains relevant to the modern world, illustrating the enduring legacy of Ruskin’s ideas”.^[22]

Face ao exposto, penso que esta breve reflexão que levei a cabo possibilitou averiguar da plausibilidade de encarar o espaço da utopia na vida e obra de Ruskin como um possível trilha de investigação a seguir, no intuito de pôr a descoberto uma das facetas do escritor Vitoriano que foi ainda pouco abordada. De facto, conceder atenção, em particular, ao *Guild of St George*, permitiu equacionar tal projecto enquanto uma utopia ao serviço da realidade, na medida em que o seu objectivo principal era o de intervir activamente na vida dos cidadãos para que estes conseguissem integrar um mundo mais harmonioso do ponto de vista social e, conseqüentemente, ser mais felizes.

Ao avançar corajosamente com um projecto que aos olhos do leitor hodierno poderá, talvez, parecer banal, Ruskin sonhou instalar um novo futuro na nação que amava, objectivo ambicioso, tal como tantos outros que ousadamente perseguiu ao longo da vida. *There is no Wealth but Life*.

Notas

[1] Importa sublinhar que estão em curso, no *Ruskin Programme*, sediado na Universidade de Lancaster, em Inglaterra, diversos projectos que possibilitarão pôr em relevo aspectos da vida e obra de John Ruskin ainda desconhecidos. Informação sobre o conteúdo e o andamento de tais projectos pode ser obtida através do endereço electrónico www.lancs.ac.uk/users/ruskin.

[2] É ambicioso na medida em que, dada a extensão da obra de John Ruskin e a multiplicidade de temáticas complexas que esta abarca, seria impossível condensar, numa reflexão deste género, o espaço ocupado pela utopia na sua vida e obra. Espero, no entanto, que tal possa vir a ser feito, num trabalho de outro fôlego, no futuro.

[3] A pletera de significados atribuídos à palavra utopia exige que faça referência ao sentido em que a utilizei no contexto desta breve reflexão. Encaro-a aqui enquanto “polarizadora de alternativas que, embora inalcançáveis, alimentam, pelo exercício da imaginação, uma ânsia de libertação e devaneio sedutora para os espíritos que, sentindo-se agrilhoados pelas condicionantes da vida social, política e cultural e pragmaticamente impotentes, aspiram à consumação de outros quadros de vida referenciados a outros valores” (Carvalho 2004: 13). Sobre o sentido plurívoco do termo veja-se ainda o esclarecedor ensaio “O Género da Utopia e o Modo do Utopismo” (Reis 2004: 18-31).

[4] “Como Mestre, uma posição que Ruskin ocupou até à sua morte, encabeçava uma organização fortemente hierarquizada em *Marshals*, *Landlords* e *Labourers*, pagos pela guilda. Os *Companions*, por seu turno, não trabalhavam para a guilda mas providenciavam a maior parte do apoio financeiro, já que abdicavam de um décimo dos seus rendimentos a favor da organização” (Ramos 1999: 588). Veja-se igualmente Hilton 2000b: 306-307.

[5] No entender de Harrison, “Peu d’apôtres des reformes sociales, dans notre temps, ont essayé de mettre en pratique leurs conceptions utopiques et de fonder des institutions pour donner corps à leurs idées. Mais, en 1871, Ruskin se trouvant libre de tous liens, riche, célèbre, avec des amis puissants, résolut de consacrer toutes ses ressources et toute son intelligence à donner, par ses actes mêmes, des exemples de La Vie Nouvelle” (Harrison 1909: 246-247).

[6] A documentação relativa à criação do *Guild* encontra-se no volume 30 das obras completas de John Ruskin, organizada por Cook & Wedderburn (1903-1912), consagrado a *The Guild and Museum of St George: Reports, Catalogues and other Papers*.

[7] Conferir, a este respeito, *Works*, 13: 23; 22: 270. Ruskin procura estabelecer um contraste nítido entre o passado e o presente, lançando mão da cavalaria para pôr em destaque alguns dos valores que considera estarem irremediavelmente perdidos na sociedade que lhe é coeva. A admiração de Ruskin pela cavalaria e pela Idade Média em geral, enraíza também, é claro, na sua admiração por Walter Scott, cujos romances conheceu, desde novo, através das leituras de John James Ruskin e Margaret Ruskin, sendo um leitor fiel das obras do “wizard of the north” até ao fim dos seus dias.

[8] Todas as referências à obra de John Ruskin dizem respeito à edição organizada por Cook & Wedderburn (1903-1912), surgindo abreviadas no texto como *Works*, seguindo-se, respectivamente, o número do volume e a página onde se encontra a citação.

[9] Cornell frisa com oportunidade o facto de as ideias de Ruskin terem sido postas em prática “during the Industrial Revolution – a revolution he saw as destructive to open space and natural beauty and flawed for its failure to inspire works of architectural beauty. It was a viewpoint that put him at odds with the prevailing mood of excitement that accompanied the scientific and technological expansion of the times” (Cornell 2000). No entanto, como sublinha Spinozzi, “The concept of art as *construction*, which identifies a type of synergy between the work of nature within aesthetic activity, becomes crucial following the impact of the Industrial Revolution. Utopian thinkers living in Victorian England are acutely aware that massive manufacture spoils the uniqueness of artistic creation, as conceived by romantic idealism, and that industrialisation disfigures art and architecture” (Spinozzi 2005: 231).

[10] Vejam-se, a este propósito, Phyllis 2003: 89-90 e Sussman, 1968. Conforme sublinham Harvey & Press, “According to Ruskin, architecture and its attendant arts should be judged according to the amount of freedom of expression allowed to the individual workman. He contrasted the arts and crafts of the Middle Ages and the relationships they engendered favourably with the industrial society of the nineteenth century, which seemed to him to place more restrictions on the workman than any preceding age had done. Modern society was thus indicted for having alienated and dehumanized workers, forcing them to perform monotonous and soul-destroying tasks” (Harvey & Press 1995: 181).

[11] Como frisa Sizeranne, “Les actes, chez Ruskin, ont toujours suivi de près les idées. Sa devise est To-day. S’il écrit, c’est comme on se bat, pour obtenir des résultats évidents, immédiats, décisifs. Et il en a obtenu, sinon autant qu’il en a cherché, du moins plus qu’aucun critique d’art n’en pourrait montrer” (Sizeranne 1913: 49).

[12] No entender de Alves, “A Companhia, ou Guilda, como também ficou a ser conhecida, foi uma das raras experiências sociais autenticamente concretizadas, na Inglaterra do século XIX, tendo por base o ideário, a energia e a fortuna de um só homem” (Alves 1994: 131). Veja-se igualmente Stoddart 1992.

[13] Veja-se igualmente a argumentação apresentada por Sawyer a este respeito, na reflexão de fundo que consagra a *Fors Clavigera* (Sawyer 1979).

[14] Como sublinha Hoare, “As his house expanded like some aesthetic laboratory, Ruskin saw each object – from minute lichens to lofty fells – invested with the entire power and beauty of nature. Brantwood came to epitomise the sacred struggle of good versus evil; man against machine; nature versus supernature” (Hoare 2005: 239).

[15] Veja-se, a este propósito, Hilton 2000b: 306-307.

[16] Com o termo *marginalia* pretendo designar tudo aquilo que Ruskin escreveu nas margens e outros espaços em branco da biografia de Scott, incluindo a contracapa dos volumes que a constituem.

[17] Recorde-se que foi Ruskin quem financiou Octavia Hill (1838-1912) quando esta manifestou a intenção de fazer algo que proporcionasse habitação condigna aos pobres. Hilton sublinha: “Octavia’s attentions were given first to Ruskin’s property in Marylebone. She had the houses repaired, organised joyful communal festivals among the tenants and collected the rents. Ruskin himself took no part in these activities but observed Octavia’s steady rise through the London Association for the Prevention of Pauperisation and Crime (to whose funds he contributed) and then the Charity Organisation Society” (Hilton 2000b: 110). Veja-se, também, a este respeito, Batchelor 2001: 283-284.

[18] Esta propriedade foi oferecida ao *Guild* por Fanny Talbot com quem Ruskin se tinha correspondido ao longo de dezoito meses, antes da visita que mencionamos. Conferir, a este respeito, Spence 1966.

[19] Datar a *marginalia* de um autor com precisão é, em muitos casos, difícil. No que diz respeito a Ruskin, há algumas pistas fornecidas pelo próprio nas suas obras e diários que importa ter em consideração. Assim, em *Fors Clavigera* (*Works*, 29: 452, carta 92, de 10 de Outubro de 1883), Ruskin informa os seus leitores que releu, com proveito, um dos capítulos da biografia de Scott. Por seu turno, através de uma das entradas dos seus diários, datada de 24 de Janeiro de 1875, ficamos a saber que a leitura da biografia de Scott deu a Ruskin novo alento no final do dia (Evans & Whitehouse 1959: 835). Por último, no seu *Brantwood Diary* (15 de Setembro, 1883), Ruskin confessa: “[I] Found wonderful things in Scott’s volume III of Life” (Viljoen 1971: 336). Estas referências à biografia de Scott confirmam que Ruskin a terá lido entre as décadas de 70 e 80, apontando para dois períodos distintos no que concerne a sua saúde mental. Recorde-se que a década de 80 é para Ruskin um tempo marcado por surtos da doença mental que o atingiu, enquanto que a década de 70 é, ainda, de intenso labor. Tal permite concluir que as anotações que espelham firmeza na escrita correspondem a este período, enquanto que as mais difíceis de decifrar dirão respeito à década de 80.

[20] Veja-se, a este respeito, Finley 1987; 1992; Clegg 1985 e Melão 2001.

[21] Conferir, a este respeito, Quennell 1956: 26; Hilton 2000b: 307 e Batchelor 2001: 292.

[22] Veja-se *Sheffield Galleries & Museums Trust*. Importa igualmente referir que o *Guild of St George* é hoje uma instituição de caridade que apoia projectos em distintas áreas do saber, procurando trabalhar em concordância com os objectivos outrora gizados por Ruskin.

Obras Citadas

- Alves, Hélio Osvaldo (1994), “O Mal do Século: Carlyle, Ruskin e Oliveira Martins”, *Cadernos do Noroeste*, n.º 7, pp. 123-140.
- Beechey, James (2000), “A Defining Voice of the Victorian Age”, *The Lancet*, vol.355, nr 9215, pp.1653-1654, http://www.sciencedirect.com/science?_ob=ArticleURL&_udi=B6T1B-4FVCHYK-
- Batchelor, John (2001), *John Ruskin: No Wealth but Life*, London, Pimlico.
- Carvalho, Adalberto Dias de (2004), “Utopia: Esclarecer Conceitos para Renovar Sentidos”, in Fátima Vieira e Maria Teresa Castilho (orgs.), *Estilhaços de Sonhos: Espaços de Utopia*, Vila Nova de Famalicão, Edições Quasi, pp. 13-17.
- Cerutti, Toni (ed.) (2000), *Ruskin and the Twentieth Century: the Modernity of Ruskinism*, Vercelli, Edizioni Mercurio.
- Cianci, Giovanni & Peter Nicholls (eds.) (2001), *Ruskin and Modernism*, Basingstoke and New York, Palgrave.
- Clegg, Jeanne (1985), “Fiction, Fair and Foul: Ruskin Lettori di Scott”, in Jeanne Clegg (ed.), *Storie su Storie: Indagine sui Romanzi Storici (1814-1890)*, Vicenza, Neri Pozza Editore, pp. 41-64.
- Collingwood, W.G. (1900), *The Life of John Ruskin*, London, Methuen.
- Cook, E.T. & A. Wedderburn (1903-1912), *The Library Edition of the Works of John Ruskin*, London, George Allen.
- Cornell, Diane (2000), “The New Urbanism. How John Ruskin’s Ideas Influenced Generations of Urban Planners”, <http://www.ur.rutgers.edu/foms/article/legacy/link/131/>.
- Cunningham, Valentine (2000), “A Victorian Renaissance Man”, <http://www.nytimes.com/books/00/05/14/reviews/000514.14.cunnint.html>.
- Eco, Umberto (2002), *Sobre Literatura*, Lisboa, Difel.
- Evans, J. & J.H. Whitehouse (eds.) (1959), *The Diaries of John Ruskin*, Vol.3, 1874-1889, Oxford, Clarendon Press.
- Finley, C. Stephen (1987), “Scott, Ruskin and the Landscape of Autobiography”, *Studies in Romanticism*, nr 26, pp. 549-572. _ _ (1992), *Nature’s Covenant. Figures of Landscape in Ruskin*, Pennsylvania, The Pennsylvania State University Press.
- Goldman, L. (1999), “Ruskin, Oxford and the British Labour Movement”, in Birch, Diane (ed.), *Ruskin and the Dawn of the Modern*, Oxford, Oxford University Press, pp. 57-86.
- Harrison, Frédéric (1909), *John Ruskin*, trans. Louis Baraduc, Paris, Mercure de France.
- Harvey, Charles & Jon Press (1995), “John Ruskin and the Ethical Foundations of Morris & Company, 1861-96”, *Journal of Business Ethics*, Vol.14, nr 3, pp. 181-194.
- Hewison, Robert (2000), “Ruskin and the Gothic Revival: His Research on Venetian Architecture”, in Hewison, Robert (ed.), *Ruskin’s Artists. Studies in Victorian Visual Economy*, London, Ashgate, pp. 53-65.
- Hilton, Tom (2000a), *John Ruskin. The Early Years*, New Haven and London, Yale University Press. _ _ (2000b), *John Ruskin. The Later Years*, New Haven and London, Yale University Press.
- Hoare, Philip (2005), *England’s Lost Eden: Adventures in a Victorian Utopia*, London and New-York, Fourth Estate.
- Lang, Michael H. (1999), *Designing Utopia: John Ruskin’s Urban Vision for Britain and America*, Montreal, Black Rose.

- Lockhart, J.G. (1869), *Memoirs of the Life of Sir Walter Scott, Bart.*, Vol. 1-5, Edinburgh, Adam and Charles Black.
- Matteson, John (2002), “Constructing Ethics and the Ethics of Construction: John Ruskin and the Humanity of the Builder”, *Cross Currents*, Vol.52, nr 3, pp. 294-303.
- Melão, Dulce (2001), “Untold Stories: Ruskin as a Reader of Scott”, *Op.Cit.: Uma Revista de Estudos Anglo-Americanos*, n.º4, pp. 27-43.
- Mladenovic, Ivana (2004), *John Ruskin: The Medieval Mission*, Los Angeles, University of California.
- More, Thomas, (2003), *A Utopia*, Lisboa, Guimarães Editores.
- Pemble, J. (1995), *Venice Rediscovered*, Oxford, Clarendon Press.
- Quennell, Peter (1956), *John Ruskin*, London, Longmans, Green & Co.
- Quill, Sarah (2000), *Ruskin’s Venice. The Stones Revisited*, London, Ashgate.
- Ramos, Iolanda Cristina de Freitas (1999), *O Poder do Pó: O Pensamento Social e Político de John Ruskin*, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. _ _ (2005), “Oxford, 1875 – Pedagogia e Acção Social Segundo John Ruskin”, in Joanne Paisana (org.), *Hélio Osvaldo Alves. O Guardador de Rios*, Minho, Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, pp. 253-261.
- Reis, José Eduardo (2004), “O Género da Utopia e o Modo do Utopismo”, in Fátima Vieira e Maria Teresa Castilho (orgs.), *Estilhaços de Sonhos: Espaços de Utopia*, Vila Nova de Famalicão, Edições Quasi, pp. 18-31.
- Rose, Phyllis (2003), “Ruskin’s Power”, *American Scholar*, Vol.72, nr 2, pp. 87-95.
- Sawyer, Paul L. (1979), “Ruskin and St. George: the Dragon-Killing Myth in *Fors Clavigera*”, *Victorian Studies*, Vol.23, nr 1, pp. 5-28.
- Sheffield Galleries & Museums Trust,
<http://www.sheffieldgalleries.or.uk/coresite/html/ruskinc.asp>
- Sizeranne, Robert de la (1913), *Ruskin et la Réligion de la Beauté*, Paris, Hachette.
- Spence, Margaret (1966), *Dearest Mama Talbot: A Selection of Letters from John Ruskin to Mrs Fanny Talbot*, Manchester, Bulletin of John Rylands Library.
- Spinozzi, Paola (2005), “Art and Aesthetics in Utopia: William Morris’s Response to the Challenge of the ‘Art of the People’”, in Fátima Vieira and Marinela Freitas (ed.), *Utopia Matters: Politics and Theory*, Porto, Universidade do Porto, pp. 229-235.
- Stoddart, Judith (1991), “Ruskin’s St George and the Cult of Community”, *Victorians Institute Journal*, nr 20, pp. 230-259.
- Sussman, Herbert L. (1968), *Victorians and the Machine: The Literary Response to Technology*. Cambridge/Mass., Harvard University Press.
- Viljoen, H.D. (ed.) (1971), *The Brantwood Diary of John Ruskin*, New Haven and London, Yale University Press.
- Wilmer, Clive (ed.) (1985), *John Ruskin: Unto This Last and Other Writings*, Harmondsworth, Penguin.